

LESLIE WOLFE

A RAPARIGA
DA ROSA

—

MARCADA
PARA
A MORTE

—

MORTE NAS
ALTURAS

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos livros

A RAPARIGA
DA ROSA

1

POSE

Estava encantada por ter aceitado posar para ele. Quase não conseguira atravessar os imponentes portões da mansão, de um tipo que só tinha visto nos filmes. Mas o homem deixara um código de quatro dígitos rabiscado juntamente com a sua morada e, após um momento de agitação diante da entrada em ferro forjado com mais de três metros e meio, vira o teclado numa base à beira do caminho, à altura certa para ser acessível a partir do lugar do condutor de um carro. Introduziu os quatro dígitos com os dedos ligeiramente trêmulos e o ferro forjado começou a mover-se, abrindo-se sem um único som.

A mãe matava-me se soubesse onde estou, pensara, entusiasmada, com a rebelião a animar-lhe os passos.

Num torpor, percorrera o longo e sinuoso caminho de acesso, absorvendo a beleza da paisagem com as suas fantásticas roseiras, todas de variedades diferentes e exóticas. Parara um par de vezes para enterrar o rosto nas flores salpicadas de orvalho, inalando o seu aroma, saboreando o seu cheiro inebriante.

Depois, tocou à campainha, com borboletas no estômago, e ele abriu a porta quase imediatamente. Vestia umas calças de ganga justas e desbotadas e uma *T-shirt* branca, ambas manchadas de tinta, tal como os seus braços e até o seu rosto sorridente. Seguiu-o para o interior, demasiado intimidada para dizer uma única palavra, de

olhos cravados nos quadros que cobriam as paredes da sala de estar. Raparigas lindas, algumas tristes, outras brincalhonas, todas jovens e inocentes, a sua beleza realçada por uma única rosa.

Abrandou o passo e vacilou, com uma estranha sensação de mau presságio a gelar-lhe o sangue. Rapidamente, olhou de novo para os quadros, desta vez examinando os olhos das raparigas em busca de alguma coisa, de uma pista do que estava para vir, mas as suas expressões mantiveram-se misteriosas, quase sinistras. O frio no seu corpo transformou-se em pingentes de gelo a percorrer-lhe o sangue e um ligeiro gemido escapou-lhe dos lábios.

Ele virou-se e sorriu, aquecendo a sala com o seu sorriso.

– O que foi, minha querida?

Sentiu-se uma idiota. Posar para um artista daqueles era uma oportunidade enorme para ela e estava a estragar tudo, como só ela era capaz de fazer.

– Hum, nada, na verdade – conseguiu responder, torcendo nervosamente as mãos e evitando os seus profundos olhos azuis. – Tudo isto – acrescentou, apontando para as paredes cobertas de telas luxuosamente emolduradas. – Eu... não sei o que dizer.

– São lindas, não são? – perguntou ele, num tom cheio de carinho, como se as raparigas imortalizadas na tela fossem todas elas amigas que haviam partido há muito e das quais sentia muitas saudades.

Então, virou-se para ela e o seu sorriso aumentou.

– Mas já partiram... e tu estás aqui. És ainda mais linda, Kaylee.

O sangue subiu-lhe ao rosto, aquecendo-lhe rapidamente as faces.

– Quando acabarmos, vou abrir espaço para ti aqui, por cima da lareira. Serás a minha *pièce de résistance* – acrescentou ele, com as palavras francesas a cederem o seu charme à voz já carismática. Os seus dedos roçaram-lhe a face por um instante, num toque leve como uma pena. – A tua beleza é única.

A última sombra de frio ominoso abandonou-lhe o corpo sob o seu toque eletrizante. Sorriu com timidez, dolorosamente ciente de como parecia deslocada, de como era infantil o seu comportamento. Desejou desesperadamente poder tornar-se alguns anos mais velha de um momento para o outro e converter-se no tipo de rapariga por quem aquele homem podia apaixonar-se.

E nem sequer sabia o nome dele.

Respirou fundo e decidiu que a mulher que ele gostaria de ter como mais do que a modelo para um quadro teria a coragem de lhe perguntar o nome.

– Como, hum, como te chamo? – perguntou, corando novamente ao ouvir o som da sua voz, estrangulada pela emoção.

– David – respondeu ele, olhando-a nos olhos e continuando a sorrir. – Podes tratar-me por David. – Em seguida, virou costas, fitando-a por cima do ombro. – Vamos, temos trabalho a fazer e, dentro de algumas horas, perderemos a luz.

Kaylee seguiu-o ansiosamente através de mais um par de divisões, entrando depois no seu estúdio. Tinha uma parede inteira feita de painéis de vidro, deixando o sol entrar sem limitações. Através das grandes janelas, viu o maravilhoso jardim nas traseiras da casa, as intrincadas âleas que serpenteavam por entre canteiros de rosas com flores de várias cores e formas. Aqui e ali, bancos de madeira à sombra de carvalhos seculares ou uma fonte jorrando água cristalina sobre rochas cuidadosamente dispostas.

Era como se tivesse deixado a era moderna junto aos portões de ferro forjado e entrado na mansão de um membro da realeza do século XIX.

Surreal.

E daria uma história incrível para contar a Alice no dia seguinte. Teria de partilhar algumas das suas aventuras com a sua melhor amiga, em troca do compromisso de encobrir Kaylee na escola e junto da sua mãe, caso as coisas se demorassem e ela ligasse, toda preocupada, como acontecia sempre que ela se atrasava um minuto que fosse na hora do recolher. A escola era fácil, sabendo a rapidez com que as puritanas católicas se apressavam a mudar de assunto quando se fazia alguma referência a dores de barriga ou a outras situações relacionadas com o período, principalmente por uma caloirá. Mas a sua mãe era algo totalmente diferente; nenhuma referência a dores de barriga resultaria com ela. *Ser adolescente é uma tretá, pensou amargamente. Todo o dia na escola e depois tenho de ir a correr para casa, senão a mãe tem um ataque e põe-me de castigo para sempre, quando podia andar por aí com um tipo destes.*

– Não façam isso – disse suavemente David, tocando-lhe ligeiramente no queixo para a convidar a olhar para ele.

– Hã? – reagiu ela, apanhada de surpresa.

– Estás a franzir o sobrolho – explicou ele, com um laivo de desilusão na voz.

Ela sorriu, apologética, e olhou em volta à procura de um lugar para se sentar.

Havia algumas peças de mobiliário no estúdio, espalhadas livremente pelo vasto espaço diante de um cavalete com uma grande tela, todas estofadas a cabedal preto. Uma grande poltrona onde Kaylee facilmente se poderia ter enroscado, com as pernas dobradas debaixo do corpo, e dormido uma sesta. Uma convidativa espreguiçadeira, que parecia acolhedora e confortável, do tipo que só tinha visto nas revistas de moda. Uma cama, coberta por lençóis de cetim vermelho e cheia de almofadas de todas as cores, cuja visão lhe trouxe um rubor ao rosto. E um banco largo sem costas, suficientemente longo para sentar três, talvez quatro, pessoas.

Um novo sorriso ergueu os cantos da boca de David ao seguir o olhar dela.

– Vamos sentar-te ali – disse ele, apontando para o banco.

Kaylee obedeceu e sentou-se, surpreendida com a suavidade do cabedal ao seu toque.

– Trouxe algumas roupas diferentes – disse ela, tirando a mochila das costas.

– Não era preciso – respondeu ele, e o seu sorriso desapareceu, substituído por um olhar intenso e perscrutador.

O seu franzir de sobrolho regressou imediatamente.

– Vais pintar-me com o uniforme da escola? – A decepção era grande, trazendo consigo a promessa de lágrimas.

– Não, minha querida – replicou ele, quase distraidamente, deambulando à volta dela, estudando-a ao pormenor. – Vai ser um retrato de rosto.

– Oh – sussurrou ela, sentindo-se novamente intimidada sob o seu escrutínio. Estaria a sua pele perfeita? E quanto ao cabelo?

– Lembraste-te de desligar o telemóvel, como eu te pedi? Não gosto de ser interrompido enquanto trabalho.

– Sim – assentiu rapidamente Kaylee, tirando-o do bolso e mostrando-lhe o ecrã escuro.

– Bom – respondeu ele, deslocando em seguida o cavalete alguns centímetros para a direita. Espreitou por detrás da tela para olhar para ela e desapareceu de novo por alguns momentos.

Kaylee ouviu os seus passos a abandonar a divisão, mas manteve-se onde estava, insegura quanto ao que fazer. Na ausência dele, a sensação de mau presságio regressara, gelando-lhe novamente o sangue. Havia uma tela inacabada encostada à parede, o retrato de uma rapariga que segurava uma rosa junto aos lábios, mas os seus olhos pareciam assombrados, como se a vida estivesse a abandonar-lhe o corpo. Kaylee ficou com pele de galinha e apertou os braços à volta do corpo, estremecendo.

– Fica frio aqui durante a manhã – disse David, sobressaltando-a. Não o ouvira regressar, mas estava ali, ao lado dela, com uma fumegante chávena de chá. – O estúdio não tem aquecimento, mas o sol fará a sua parte. – Estendeu-lhe a chávena. – É camomila com um toque de mel; vai ajudar-te a relaxar.

Kaylee pegou na chávena e, sob o seu olhar imperioso, bebeu um gole. Estava delicioso, aquecendo-lhe o corpo e afastando a apreensão. Agradeceu-lhe e voltou a beber, deixando que o fino vapor lhe tocasse no rosto.

David dirigiu-se para uma pequena mesa e regressou com um tabuleiro, pousando-o no banco ao lado dela. Cuidadosamente dispostos no tabuleiro, estavam escovas e pentes, vários alfinetes de cabelo e acessórios elegantes, tesouras e alguns botões de rosa em diferentes tons rosados.

– Posso? – perguntou ele, pegando numa escova.

– Claro – respondeu ela, encolhendo os ombros. Mordeu o lábio, tentando esconder o nervosismo ante a ideia de ele lhe tocar. Estranhamente, contudo, estava desiludida por ele ter escolhido flores cor-de-rosa para ela quando o jardim tinha tons deslumbrantes de vermelho, púrpura e até de azul com um centro amarelo. O rosa era tão banal.

Foi cuidadoso, removendo-lhe o elástico sem lhe puxar o cabelo. Em seguida, escovou-o até crepitar devido à eletricidade estática,

parando algumas vezes para avaliar os resultados do seu trabalho. Kaylee desejou que houvesse um espelho na sala, onde pudesse ver que aspeto teria quando ele tivesse terminado. Provavelmente, teria de esperar até o quadro estar pronto para ver a sua nova imagem.

– Bom – sussurrou David, pousando a escova. Em seguida, levantou-lhe o cabelo, madeixa a madeixa, entrelaçando-lho e ajeitando-lho num alto penteado entrançado, fixo por um sofisticado alfinete com diamantes. Depois, soltou-lhe algumas finas madeixas em torno do rosto e dispôs-las cuidadosamente com os dedos, o seu rosto tão próximo do dela que Kaylee sentiu a sua respiração nas faces, enviando-lhe arrepios pelo corpo.

Recuou alguns passos para admirar a sua obra, deixando depois que um ligeiro assobio resumisse as suas conclusões.

Kaylee abriu um grande sorriso.

– Tens um espelho...

David franziu novamente o cenho, abrindo profundas rugas na sua testa.

– Não tenho espelho, não. Sê paciente, por favor.

Kaylee baixou o olhar e bebeu outro gole de chá, com um laivo de inquietude a abrir-se nas suas entranhas, uma sensação que não conseguia nomear, um aviso que não conseguia ler.

David pegou numa rosa e removeu-lhe todos os espinhos com uma tesoura. Cortou o caule até ficar com cerca de dez a doze centímetros e enfiou-lho atrás da orelha, prendendo a pesada flor com dois alfinetes de cabelo.

– Estamos prontos – anunciou, esfregando as mãos, satisfeito.
– Bebe o teu chá, para que possamos começar.

Kaylee acedeu de bom grado, com a garganta ressequida por algum motivo. Sentia-se fraca, quase trémula, e esperava que o mel no chá a animasse um pouco e lhe desse um toque de energia.

Pousou a chávena vazia ao seu lado no banco, vendo mais do que sentindo o grave tremor da sua mão. Os olhos de David demoraram-se na sua mão trémula, mas nada disse. Desapareceu atrás da tela por alguns momentos e regressou com um pequeno carrinho contendo tubos de tinta, uma pequena taça e um estojo de maquilhagem como ela nunca vira. Só os artistas e os músicos deviam ter algo assim,

uma mala prateada que se dividia em três níveis ao abrir, contendo tudo aquilo de que alguma vez poderia precisar se fosse uma estrela.

Tonta e um pouco enjoada, Kaylee levou a mão gelada à testa, na esperança de que o toque frio a fizesse sentir melhor.

– Não toques no cabelo – ordenou David, num tom forte, quase zangado.

Kaylee pousou a mão novamente no colo. Tentou falar, mas só um ténue lamento lhe saiu dos lábios.

– Eu... não consigo...

– Deita-te – convidou ele, segurando-lhe cuidadosamente a cabeça com a mão até tocar na almofada macia do banco. Enfiou-lhe uma almofada debaixo da cabeça e puxou-lhe as pernas para cima do banco com movimentos atenciosos e gentis.

Não estava a fazer as perguntas certas, não estava a chamar uma ambulância. A sua anterior sensação de mau presságio regressou como puro pânico, mas não conseguia gritar, não conseguia mexer-se. Ainda conseguia focar um pouco os olhos e ver cada movimento que ele fazia enquanto o terror se apoderava do seu coração, ciente do que ele tinha feito ao drogar-lhe o chá, mas sem entender porquê.

– Neste momento, deves estar a sentir-te tonta e atordoada – explicou pacientemente David, como se estivesse a falar com uma criança pequena –, e isso é normal. Bem, talvez não para ti, mas posso garantir-te que é bastante normal para mim. – Acariciou-lhe a face, afastando uma madeixa rebelde dos seus finos cabelos louros. – Sei que gostarias que dissesse que vai ficar tudo bem, e vai, mas não para ti, minha querida. Não para ti. Ainda que talvez possas gostar do que está para vir.

Pegou numa pequena taça de porcelana e ergueu-lha diante do rosto.

– Sabes o que isto é? Porcelana óssea. Ossos humanos, reduzidos a cinza, misturam-se com o caulino para produzir a porcelana mais fina que existe. Os ossos tornam o material mais forte, pelo que a porcelana pode ser mais fina, quase translúcida. Vês?

Kaylee não conseguia dizer nada. Tentou, mas nenhum som lhe subiu à boca, enquanto pensamentos apavorados lhe percorriam a mente. Que horas eram? Quando iria a sua mãe passar-se e ligar para

alguém? Uma lágrima escorreu-lhe pelo rosto e desapareceu-lhe no cabelo. *Mãe*, chamou em pensamento, *encontra-me, por favor. Prometo que me porto bem. Nunca mais volto a mentir-te.*

Sentiu uma picada no braço e viu David perfurar-lhe a veia com uma fina agulha presa a um pequeno tubo de plástico. Incapaz de levantar a cabeça, mal conseguia ver o que ele estava a fazer, mas tinha-lhe erguido o braço sobre um par de almofadas e Kaylee conseguiu captar um vislumbre enevoadado.

Os seus olhos desfocados fixaram-se no sangue que lhe saía do corpo, num fio constante de gotas, acumulando-se na taça de porcelana óssea com intrincadas folhas douradas. Inspirou fundo e soltou um grito que ninguém ouviu, nem mesmo ela; nenhum som lhe saiu dos lábios abertos.

David sorriu e limpou-lhe as lágrimas com os dedos frios.

– Não podes chorar, minha querida. A seguir, vou aplicar-te a maquilhagem e vais estragar tudo.

O seu coração palpitava freneticamente contra a sua caixa torácica, como uma ave presa a lutar pela vida, disposta a esmagar-se contra as grades em vez de morrer às mãos do seu captor. Mas a única coisa que Kaylee podia fazer era observar cada movimento dele, incapaz de lutar, incapaz de resistir.

David misturou algumas gotas de sangue com tinta de vários tubos, ajustando a composição até lhe parecer perfeita. Em seguida, aplicou-lhe a tinta nos lábios, verificando o tom carmesim à luz direta do sol e à sombra. Num pequeno prato manchado de tinta seca, juntou algumas gotas a raspas de sombra, tingindo a cor do pó de modo a combinar com a do batom. Kaylee sentiu o aplicador tocar-lhe suavemente nas pálpebras, enquanto o dedo de David lhe fechava os olhos, um de cada vez.

– Pronto – exclamou ele alegremente. – Estás pronta, minha querida, e estás absolutamente maravilhosa. – Riu-se baixinho, mas depois gemeu e apressou-se a limpar-lhe o rosto com um guardanapo. – Chega de chorar, estás a ouvir? Vais estragar tudo.

Olhou fixamente para ela e lambeu os lábios em antecipação, o seu sorriso carismático transformando-se num esgar cheio de luxúria. Retirou-lhe habilmente as roupas, com cuidado para não lhe

arrancar a agulha do braço, e lançou ao seu corpo jovem um novo olhar apreciativo.

Kaylee tentou novamente gritar; os seus esforços desesperados, visíveis apenas nos seus olhos, trouxeram ao rosto de David um sorriso lascivo.

– Grita à vontade, minha querida. Gosto mais de ti quando és aguerrida.